

No rastro do **maior felino** da floresta

Em um roteiro inédito pela Reserva Mamirauá, localizada no curso médio do Rio Solimões, o visitante pode explorar paisagens desconcertantes da selva e ficar cara a cara com a temida e bela onça-pintada

Texto **Camila Fróis**
Fotos **André Dib**

PAISAGEM INUNDADA
Em Mamirauá, durante as cheias, a água chega a subir 10 metros de altura cobrindo árvores e todos os caminhos da reserva. Os únicos meios de transporte são, portanto, as canoas e os barcos

Remar por entre as copas das árvores da maior floresta tropical do mundo é, por si só, uma experiência repleta

de adrenalina e com uma impressionante riqueza sonora. A sinfonia das centenas de espécies de aves que sobrevoam a selva alagada dá as boas-vindas aos visitantes, enquanto o sinistro canto dos macacos bugios conferem um delicioso clima de aventura às jornadas. É curioso saber que, durante as primeiras incursões pela mata do continente, tal barulho foi motivo de pânico para os espanhóis, que pensavam ser de um monstro gigante prestes a atacá-los. Mal sabiam eles que o bicho mais poderoso e temido das redondezas em nada se parece com os inofensivos primatas. É extremamente silencioso e de uma beleza hipnotizante – ainda assim, nem um pouco exibicionista. “Um



IMERSÃO AMAZÔNICA

Na página anterior, um guia local conduzindo os turistas na floresta de várzea em busca das onças e um senhor que colabora com o manejo dos peixes da região. Nesta página, acima, a Pousada Uacari, com seus bangalôs flutuantes; e, abaixo, a diversidade da fauna, com dezenas de primatas e mais de 600 espécies de aves

inédita, a Jaguar Expedition, turistas poderão acompanhar essas ações, participando de saídas de canoa durante a cheia, quando a água chega a subir 10 metros – parte do valor do pacote é destinado à preservação dos felinos da reserva.

A missão da equipe é encontrar as onças pintadas que permanecem ali e vivem sobre galhos, criando seus filhotes nas alturas e nadando de uma árvore para a outra para caçar preguiças e macacos. É justamente o peculiar comportamento da espécie que motivou a criação do projeto que visa ao estudo e à conservação dos felinos na floresta de várzea. “Quanto

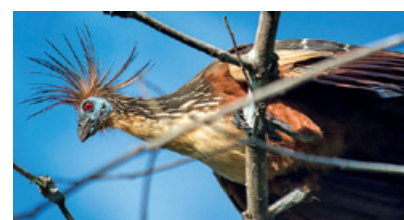
mais informações tivermos sobre ela, mais fácil será criar estratégias para sua preservação”, conta Ramalho, responsável no Instituto pelo acompanhamento de quatro animais por meio de colares de GPS e VHF.

Para encarar frente a frente esses “gatinhos”, os viajantes ficam hospedados na Pousada Uacari, um exclusivo camarote na selva. Seus rústicos e confortáveis bangalôs flutuam em um braço de lago dentro da Reserva Mamirauá, são cogeridos pelo Instituto em parceria com comunidades ribeirinhas – ali, valem as regras do desenvolvimento turístico sustentável – e ficam a 90 minutos de lancha de Tefé, no interior do Amazonas – a Azul é a única empresa aérea brasileira a voar para a cidade. Lá, não há sinal de celular nem televisão e a energia elétrica, gerada por painéis solares, é artigo de luxo. Apesar disso, é difícil algum hóspede sentir de fato a falta de tais detalhes. Da sacada do quarto, os voos rasantes das araras, os saltos dos botos e as visitas dos jacarés começam a dar a verdadeira sensação *into the wild*, que logo domina a cabeça de quem se aventura na região.



animal que evoluiu para não ser visto”, explica Emiliano Ramalho, com a experiência de quem há 10 anos trocou as praias cariocas pelos rios amazônicos para estudar de perto o comportamento da onça-pintada, o maior felino das Américas.

A partir deste mês, além de explorar as belezas da selva, será possível seguir os rastros dessas *pantheras* junto com Emiliano e outros pesquisadores do Instituto Mamirauá. Dentre seus programas de estudos e manejo em uma área protegida – localizada a cerca de 600km a Oeste de Manaus, na região do curso médio do Rio Solimões –, a organização social está à frente do projeto de monitoramento de onças batizado de Iauretê. Na expedição



DESTINOS MAMIRAUÁ (AM)

A rotina em Mamirauá, aliás, começa cedo, antes da 7h da manhã, para se aproveitar as horas mais frescas do lugar. Depois do café, com fartura de sucos de frutas amazônicas e tapioca de farinha artesanal, não há tempo a perder. Para melhor explorar os arredores da pousada, a ideia é que todo mundo mergulhe na pesquisa. Antes de entrar no barco, a equipe participa de uma lição de como utilizar um aparelho receptor VHF com uma antena que capta sinal dos colares das onças, hoje monitoradas pelo Instituto. É a partir de um desses rádios que Emiliano interpreta as pistas de onde os felinos estão zanzando.



Em nossa primeira aventura, a brincadeira começou fácil. Após 20 minutos de barco, completamente envolvidos com a paisagem ao redor, o rádio apitou. “Tem bicho aqui. É o Baden”, anunciou Ramalho, referindo-se a uma onça macho que, no mês de maio, passou a integrar a lista dos animais monitorados pelo projeto. Em seguida, foi preciso trocar as voadeiras por canoas para então adentrarmos a mata fechada. A sensação é de uma caça ao tesouro. Na busca, silêncio absoluto, olhos e ouvidos aguçados. À medida que se aproxima, o som fica mais claro e a adrenalina aumenta, pois, de qualquer lugar, a *panthera* da Amazônia poderia estar nos espreitando. A “perseguição” ao bicho, porém, não é tão simples. A antena do rádio indica direções em que há árvores enormes e de folhagens densas. Depois do primeiro “bip”, percorremos 2km pelos canais de água, desviando de troncos, evitando galhos, nos comunicando por sussurros e tentando conter a empolgação com a fauna barulhenta. O momento em que finalmente espreitamos o bicho almejado é o auge. Todos, inclusive os guias, vibram silenciosos e fascinados com a cena.



Cercado pelo mato

Imagine a sensação de dormir no meio da floresta, em uma palafita na altura da copa das árvores. Durante a estada na Pousada Uacari, os hóspedes são convidados a passar uma noite (na companhia de um guia) em uma casa no meio da selva, toda circundada por telas para que se tenha uma visão completa do que acontece ao redor. Do céu estreladíssimo ao canto dos bichos, a experiência exhibe a selva de uma maneira ainda mais deslumbrante e intensa.

IN NATURA

Acima, o carismático boto, símbolo dos rios amazônicos, clicado logo no amanhecer; no topo da página, Emiliano Ramalho tentando captar sinal da onça pelo rádio VHF; e, abaixo, visitantes descansando em frente à casa da mata, que proporciona vista completa do céu estrelado





**TESOURO
ENCONTRADO**

No topo da página, a onça Baden quietinha, durante o primeiro encontro; no detalhe, o bicho já mais à vontade, na segunda expedição, fazendo caras e bocas para o público; e, acima, um macaco uacari, endêmico em Mamirauá

Baden, porém, não parecia compartilhar a emoção do encontro. Ele havia acabado de acordar de uma boa soneca sobre um galho e deu pouca bola para nossa presença. Segundo Ramalho, esse é um sinal de que não o incomodávamos ali. Depois de uma sessão fotográfica animada, deixamos o bicho dormir em paz.

A volta foi mais sossegada. Com tempo para contemplarmos



o endêmico macaco uacari, que dá nome à pousada, aves raras e shows de trapézio dos macacos-pregos. Nos dias seguintes, a expedição continuou com novas buscas. E em nosso segundo encontro, Baden dava sinais de intimidade. Do alto de uma figueira, fitou-nos com olhar de preguiça, mas entrou no jogo: modelou, fez caras e bocas e deu bocejos gigantes, para o delírio da plateia. Depois, voltou a dormir com a tranquilidade de quem sabe que manda no pedaço. 📍

Jaguar Expedition O pacote de 4 noites, com refeições e transfers custa R\$6.200. Reservas na Pousada Uacari, Tefé, Amazônia. T 97 3343 4160 / pousadauacari.com.br